

**Universidade Federal de Santa Catarina**  
**Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**  
**Aluna Amanda Carolina Máximo**

---

## **DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA PESSOAL SOBRE O PROCESSO PROJETUAL**

---

Artigo apresentado como avaliação final na disciplina Arq. 1101 – Idéia, Método e Linguagem, ministrada pela Professora Dr. Sônia Afonso durante o período de 10 março a 30 maio de 2003.

**Florianópolis, Junho 2003.**

# DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA PESSOAL SOBRE O PROCESSO PROJETUAL

---

Amanda Carolina Máximo

## RESUMO

O presente artigo tem como principal objetivo descrever uma experiência pessoal de elaboração de um projeto arquitetônico e, mais especificamente, de trabalho com a idéia, o método e a linguagem do projeto. Trata-se da experiência de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na graduação em Arquitetura e Urbanismo concluído em 2002/02 na Universidade Regional de Blumenau – FURB. O projeto desenvolvido foi o da Casa de Espetáculos do Centro Cultural da Cidade de Joinville, SC.

Este artigo pretende, ainda, contribuir para uma discussão teórica e crítica do ensino da arquitetura no Brasil, uma vez que, o que vai se apresentar, é resultado de minha formação profissional na área da Arquitetura e Urbanismo.

## 1. INTRODUÇÃO

Ferreira<sup>1</sup> define Processo como: “**Processo. S. m. 1.** Ato de proceder, de ir por diante; seguimento, curso, marcha; **2.** sucessão de estados ou de mudanças; **3.** Maneira pela qual se realiza uma operação, segundo determinadas normas; método, técnica; **4. Fís.** Seqüência de estados de um sistema que se transforma; evolução.” . Também define Projeto como: “**Projeto. S.m. 1.** Idéia que se forma de executar ou realizar algo, no futuro; plano, intento, desígnio; **2.** Empreendimento a ser realizado dentro de determinado esquema; **3.** Redação ou esboço preparatório ou provisório de um texto; **4. Archit.** Plano geral de edificação.” . Desta forma, podemos entender “Processo Projetual” como o ato de proceder e ir adiante com uma idéia, que se forma a fim de executar ou realizar algo, dentro de um determinado esquema ou método. Assim, um projeto arquitetônico é concebido com a maneira pela qual se realiza um plano geral de edificação. Conseqüentemente, todo arquiteto, no exercício de sua profissão, passa por este processo até chegar a concepção arquitetônica final, que, por sua vez, terá uma linguagem característica.

No Processo Projetual a “idéia” pode ser entendida como a representação mental, intelectual, criativa e subjetiva aliada ao conhecimento, memória e bagagem de informações culturais. O “método”, pelo qual são exteriorizadas estas informações, é o caminho para atingir o objetivo ou o resultado esperado. Este resultado reúne todo um conjunto de signos que serve

como meio de expressão e comunicação entre as pessoas e a própria arquitetura, chamado “linguagem arquitetônica”. O conhecimento dos significados destas etapas e do aprofundamento nestas questões traz maior legitimidade ao procedimento metodológico do profissional, uma vez que elas estão interligadas. Deve-se garantir, também, esta legitimidade no ensino de arquitetura, visto a responsabilidade das causas e conseqüências da profissão para toda sociedade.

Desde 1950, principalmente com a grande influência do movimento modernista no campo da arquitetura, o ensino da disciplina de Projeto Arquitetônico nos cursos de Arquitetura e Urbanismo no Brasil tem se caracterizado por dar grande ênfase ao exercício de um formalismo. Este formalismo, no sentido de se ater à linguagem própria de um determinado domínio de conhecimento, à leis ou à regras, está vinculado à objetividade, funcionalidade e a modelos de técnicas construtivas. A subjetividade dentro do Processo Projetual dos estudantes se tornou supérflua, assim como as disciplinas de teoria e história da arquitetura que, mesmo estando dentro da grade curricular dos cursos, não contêm relação interdisciplinar nenhuma. O pensamento militar e modernista buscou sempre pela criatividade pura, sendo o pensamento crítico, social, histórico e científico sem relevância. Também, para o ensino da arquitetura, a arte era colocada acima da técnica e da ciência, resumindo-se ao domínio de uma intuição que não precisava estar vinculada a nenhuma metodologia de trabalho. Comas<sup>2</sup> afirma que a formação profissional do arquiteto brasileiro, desde o marco ideológico modernista, estabelece a concepção do partido arquitetônico como conseqüência de duas principais teorias: a primeira seria a “teoria da correlação lógica entre análise de requerimentos operacionais do programa e a análise dos recursos técnicos disponíveis” e a segunda, a “teoria da intuição do gênio criador do arquiteto”. Desta forma, a credibilidade das teorias modernistas torna-se questionável, pois elas mesmas se excluem uma vez que, para a concepção projetual, uma julga a livre intuição subjetiva e outra a conjunção objetiva de problema e solução técnica.

A desorientação conceitual metodológica do ensino de projeto arquitetônico é conseqüência direta desta realidade. O ensino não se efetiva desta forma, mas, já é possível verificar em algumas instituições do país a tentativa de se reorientar o ensino de projeto arquitetônico em atelier como disciplina teórico-prática, na qual o corpo docente elabora escopos de trabalhos e marcos teóricos com orientação durante o decorrer dos trabalhos<sup>4</sup>. São os casos da FAURGS – Rio Grande do Sul e FURB – Blumenau. Segundo Czajkowski<sup>3</sup>, “sem um embasamento teórico, fazer arquitetura é como conduzir um carro sem destino: a

---

<sup>1</sup> FERREIRA, AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA, 1988: 530 e 532.

<sup>2</sup> COMAS, CARLOS EDUARDO DIAS, 1988:

<sup>3</sup> CZAJKOWSKI, JORGE, 1986:12.

proficiência técnica torna-se mais importante que o objetivo da viagem”. A importância entre o pensar e o praticar, entre a teoria e a prática no fazer arquitetônico, é imprescindível. Neste sentido, o presente artigo traz a descrição de um projeto e o processo projetual pessoal, na tentativa de demonstrar todas as etapas do procedimento metodológico adotado. Foram inseridos mapas, plantas e fotografias para a melhor compreensão e discussão do tema.

## 2. O PROJETO

Como colocado anteriormente, o projeto apresentado neste artigo resulta de meu TCC em Arquitetura e Urbanismo, concluído no final do ano de 2002.

A “Casa de Espetáculos” também foi tema de meu projeto Urbanístico, apresentado na disciplina de planejamento urbano. Neste projeto, trabalhei com um Complexo Cultural proposto para a cidade de Joinville, na atual área do 62º Batalhão de Infantaria.

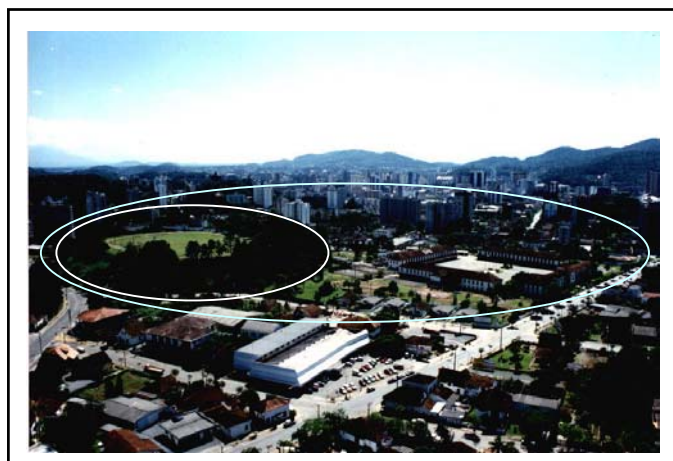


Foto 1 - Área do 62º Batalhão Joinville –

A foto acima mostra a área do 62º Batalhão de Infantaria de Joinville e seu entorno. O círculo define a quadra do Batalhão onde é possível identificar o morro no qual foi projetada a “Casa de Espetáculos”.

## 3. A IDÉIA

O projeto da Casa de Espetáculos baseou-se na idéia de proporcionar à cidade um ambiente de convivência, de fácil acesso e aberto ao público em geral.

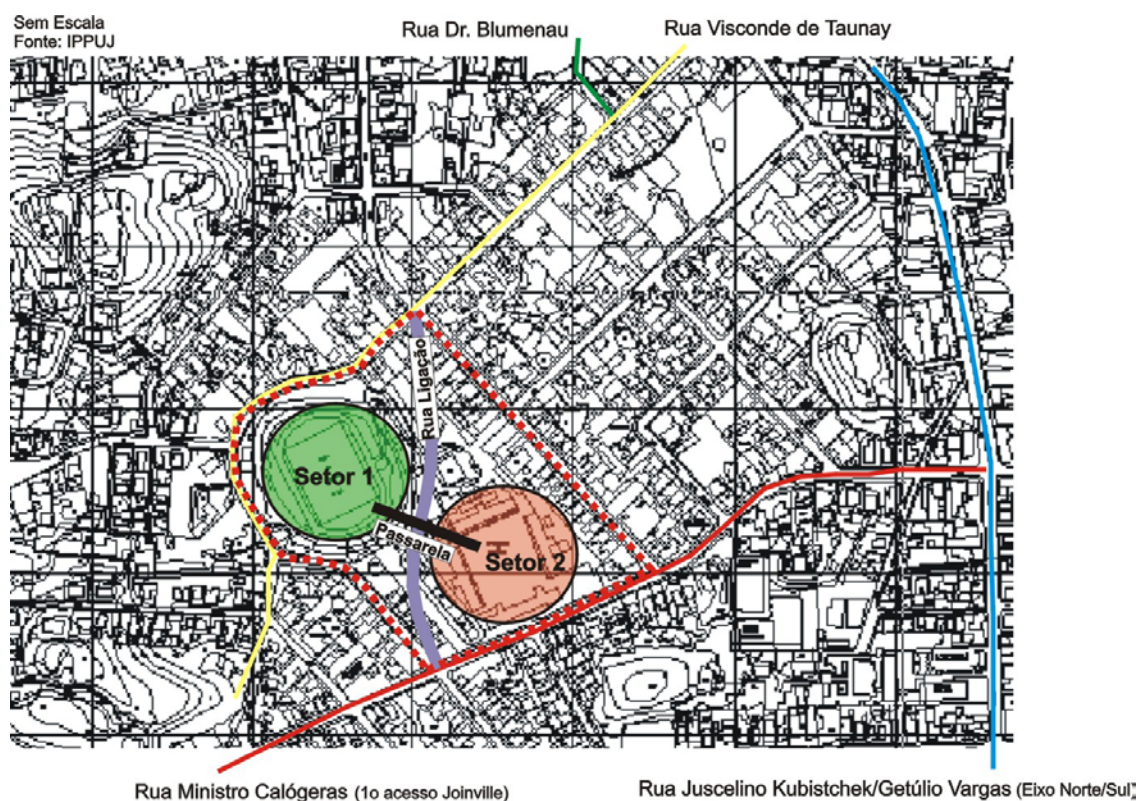
Trata-se de uma área militar de grande valor social para a cidade e, nesse sentido, o respeito ao patrimônio histórico e à cultura local foi fundamental. Aliou-se, ainda, a forte preocupação com entorno à busca por um diálogo entre ambiente construído e aberto, o que não existe mais nesta área. A preocupação em quebrar a “rigidez militar” do local preservando

no entanto a beleza do “morro do Batalhão” foi determinante no projeto. Finalmente, buscou-se conseguir dois espaços cênicos diferentes, um aberto ao ar livre e outro fechado, interno.

A articulação e a circulação dos fluxos surgiram logo no lançamento da idéia, tendo em vista a atual situação da área e seu entorno. As idéias para locação e orientação da edificação, das fachadas e aberturas e a forma em 3 dimensões estiveram associadas às condicionantes gerais do local e acessos definidos. Este processo intuitivo para obtenção da idéia definitiva foi mais forte durante a fase do método de trabalho, onde os dois se mostram interligados.

#### 4. METODOLOGIA DE PROJETO

As características gerais da metodologia são: uso das formas geométricas, da modulação, da simetria e de elementos retilíneos. Também, o uso do processo aditivo como técnica compositiva seguido do processo subtrativo para cada elemento, tentando eliminar ao máximo o supérfluo. O partido das formas se integra com a circulação e articulação ordenadora de todo o projeto, para criação dos ambientes.



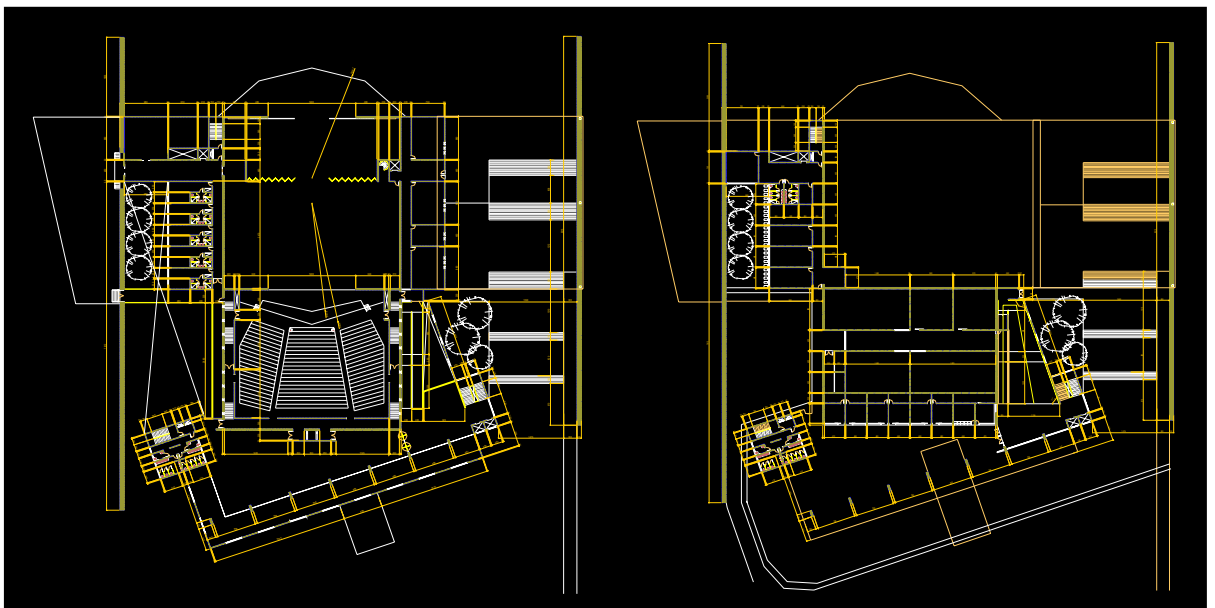
Mapa 1 - Área do 62º Batalhão Jonville e Entorno  
Mapa base – Prefeitura Municipal de Blumenau, SC.

O Mapa acima resume, em uma espécie de croqui, as idéias principais que foram seguidas para a elaboração de todo o projeto. A partir daí foi possível elaborar, também, a planta de localização e implantação ilustrada abaixo.



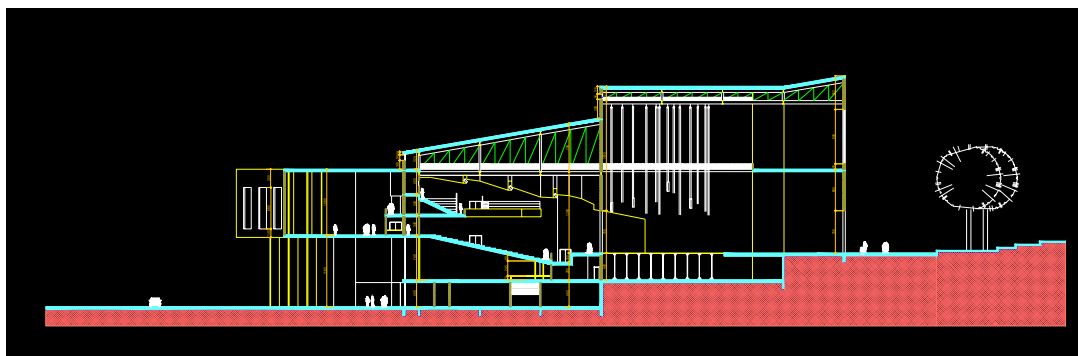
Casa de Espetáculos – Setor 1

Planta 1 - Localização e Implantação do Projeto



Plantas 2 e 3 - Plantas Baixas Térreo e 2º Pavimento

As plantas baixas da Casa de Espetáculos e o corte longitudinal mostram com maior definição os resultados das idéias e da metodologia usada.



Planta 4 – Corte Longitudinal

## 5. CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DO PROCESSO PROJETUAL

Antes de prosseguir com a descrição das características do processo projetual pessoal, é importante lembrar o significado de dois conceitos que estão sendo usados. O primeiro diz respeito ao que chamamos de “todo” e “partes”. Segundo Mahfuz<sup>4</sup>, o todo é considerado uma soma das partes regida por uma ordem. Ao todo arquitetônico ainda cabe a relação que ele estabelece com o contexto, a tradição e a função em sua concepção. Isto não quer dizer que o todo ou as partes tenha importâncias diferentes: uma complementa a outra até alcançar uma síntese da imagem conceitual, o partido arquitetônico. O segundo é o conceito de pensamento intuitivo, que significa o pensamento subjetivo, com bagagem cultural, pessoal, contrário do pensamento racional, científico, baseado em análises prévias. Ainda temos o pensamento lateral, baseado na procura de diferentes alternativas para solução de problemas, que evita idéias dominantes e pré-estabelecidas.

A descrição deste processo foi numerada para caracterizar as etapas da evolução e transformação do projeto até chegar ao partido final, isto é, o plano geral da edificação:

1. Reconhecimento da área, do entorno e da cidade. Uso do pensamento racional e transferência dos **partes** para papel A4, com elaboração de maquete;
2. Reconhecimento das condicionantes climáticas, geográficas e naturais necessárias;
3. Reconhecimento das condicionantes culturais, sociais, econômicas e históricas;
4. Reconhecimento de possíveis linguagens a serem adotadas, portanto, com um pensamento mais lateral. Também a recordação de toda bagagem cultural e histórica do tema como auxiliares;
5. Observação de códigos e normas mais importantes e ligados ao tema e à área, voltando a um pensamento racional;
6. Noção geral de programa de necessidades e área total a ser implantada;

---

<sup>4</sup> MAHFUZ, EDSON DA C., 1995.

7. Observação dos fluxos e orientações marcantes e/ou importantes, observação de pontos, espaços ou objetos imponentes e simbólicos;
8. Lançamento de hipóteses para locação e orientação da obra, das fachadas e possíveis aberturas, associando aos acessos e condicionantes gerais anteriormente vistos. O pensamento racional e intuitivo se confunde na tentativa de definir uma amarração do projeto. Uso do lápis no papel A0;
9. Momento mais difícil e demorado, com elaboração de croquis e pensamento intuitivo conflitante entre 2 dimensões e 3 dimensões. Finaliza com noção tridimensional de um **primeiro todo**, gerando uma impressão geral do conjunto;
10. Com um certo domínio da idéia central, mas não se restringindo a ela e a possíveis mudanças, inicia-se a separação do problema em **partes menores**: programa de necessidades definitivo, zoneamento e fluxograma, sempre lembrando ações anteriores num pensamento lateral, usando o lápis e voltando ao papel A4;
11. Reconhecimento da melhor técnica compositiva e **reavaliação do todo** em um pensamento tridimensional. Mais algumas mudanças são transferidas para papel A2, com pensamento intuitivo.
12. Reconhecimento da melhor técnica compositiva e **reavaliação das partes** com a distribuição e dimensionamento definitivo dos espaços. Mais algumas mudanças são transferidas para papel A2, com pensamento racional.
13. **Reavaliação final do todo**. Noção mais completa e segura do projeto com pensamento racional. A partir daqui tudo é passado a limpo para papel A0 e, também, elabora-se a maquete definitiva.
14. Só nesta fase inicia-se o trabalho no computador com o detalhamento, layout interno, reavaliação das aberturas, revisão completa das normas e códigos, volta à bagagem cultural, histórica, e demais condicionantes, estudos mais direcionados para conforto;
15. A preocupação com uma linguagem única é pensada em todos os momentos do processo e recebe influência marcante da função e do cliente/usuários.

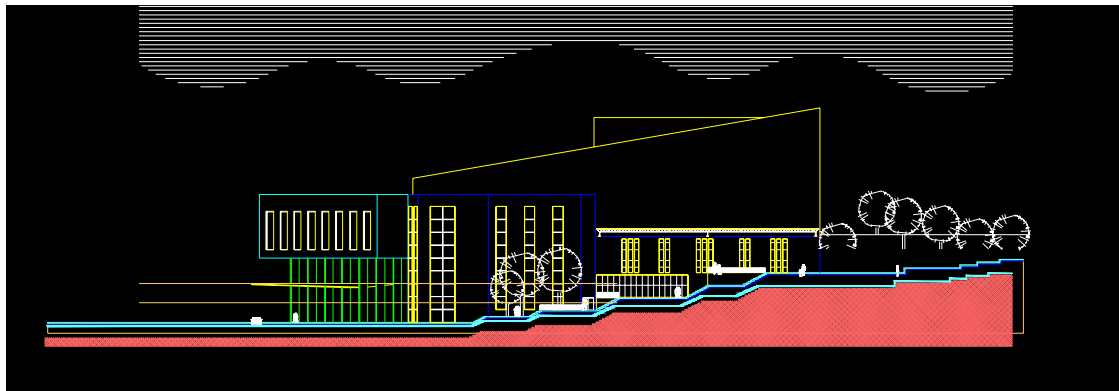
## 6. LINGUAGEM

A linguagem caracteriza-se por evidenciar muito a geometria e as formas puras dando ênfase à estrutura do projeto. A preocupação com a composição plástica se integra com a estrutura e os materiais utilizados. Geralmente predominam os usos da cerâmica e do vidro em busca de uma linguagem em harmonia com o ambiente natural e construído (ver ilustrações seguintes). Ela é, ainda, resultante do menor impacto natural, tanto num sentido ambiental como cultural. Por isso a escolha por uma fachada “espelho”, na tentativa de refletir o ambiente já

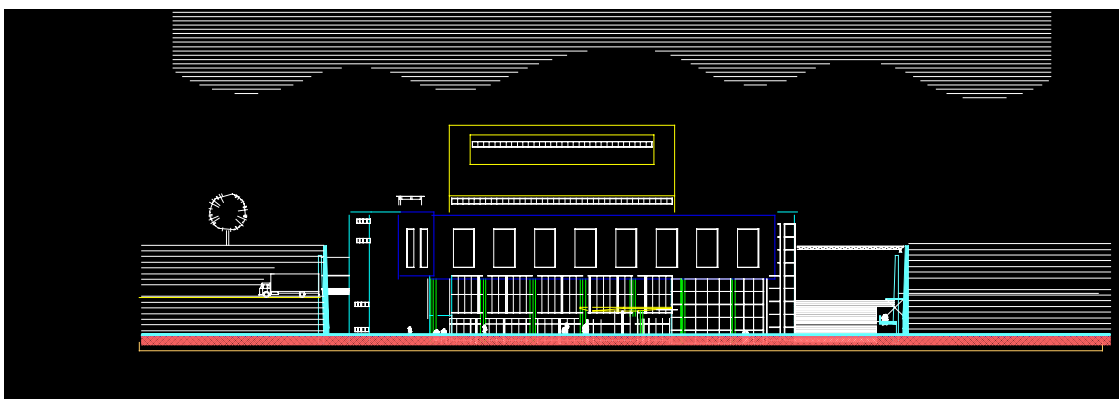


construído. Também, as aberturas buscam por significados simbólicos em harmonia com o local.

O respeito às características clássicas para a funcionalidade da obra são visíveis principalmente na parte interna do projeto.



Plantas 5 e 6 - Fachadas Principais: Lateral e Frontal.



## 7. CONCLUSÕES PRELIMINARES

Ao contrário do exemplo desta descrição projetual, observa-se que muitas instituições não desenvolvem em seus alunos uma consciência crítica, formada com a intenção de uma avaliação correta da produção arquitetônica. O vício das teorias modernistas ainda é muito presente na arquitetura das cidades e no ensino da profissão. A tendência em se ater às questões de tecnologia e programa ou a simples manifestação do gênio criador do arquiteto, inibe qualquer debate crítico ao projeto e à obra de arquitetura.

A influencia dos professores de formação exterior, que hoje encontramos ministrando aulas de projeto arquitetônico, é visível. O curso da Universidade Regional de Blumenau passa por uma fase de intensa busca pela renovação do ensino. O “projeto piloto” de atelier vertical, praticado há anos nos países vizinhos está, agora, sendo implantado por estes professores. As dificuldades são grandes e o projeto ainda se encontra em fase embrionária, mas já se pode observar o aumento na qualidade da produção estudantil. A interdisciplinaridade é

consequência mais expressiva deste trabalho e os alunos ainda têm a oportunidade de enriquecer as discussões comparando suas próprias produções.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHING, Francis D. K.. *Arquitetura: forma, espaço e ordem*. 1.ed. São Paulo. Martins Fontes, 2002.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. Ideologia Modernista e Ensino de Projeto Arquitetônico: duas proposições em conflito. In: COMAS, Carlos Eduardo. *Projeto Arquitetônico Disciplina em Crise, Disciplina em Renovação*. São Paulo:Projeto, 1986. p. 33-45.
- CZAJKOWSKI, Jorge. Arquitetura Brasileira: produção e crítica. In: COMAS, Carlos Eduardo. *Projeto Arquitetônico Disciplina em Crise, Disciplina em Renovação*. São Paulo:Projeto, 1986. p. 09-13.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- MAFHUZ, Edson da C.. *Ensaio Sobre a Razão Compositiva; uma investigação sobre a natureza das relações entre as partes e o todo na composição arquitetônica*. Viçosa/Belo Horizonte. UFV, Imprensa Universitária/ AP Cultural, 1995.
- MÁXIMO, Amanda C.. *Casa de Espetáculos do Centro Cultural de Joinville*. Blumenau, 2002. 90f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Setor de Ciências Tecnológicas, Universidade Regional de Blumenau.
- PAUSE, Michael & CLARK, Roger H.. *Arquitectura: temas de composição*. México. Gustavo Gili, 1987.

### **FOTOS**

---

#### Foto 1

62º BATALHÃO DE INFANTARIA DE JOINVILLE. **Foto Aérea do 62º Batalhão de Joinville**. 2002. 1 fot.: color.; dimensão modificada digitalmente.

### **MAPA e PLANTAS**

---

#### Planta 1

AMANDA CAROLINA MÁXIMO. Mapa de Localização e Implantação do Projeto. Blumenau, nov.2002. 1 mapa: color.; (Dimensões Digitais Modificadas).

#### Mapa 1

AMANDA CAROLINA MÁXIMO. Mapa 62º Batalhão de Joinville e Entorno. Blumenau, nov.2002. 1 mapa: color.; (Dimensões Digitais Modificadas).

Mapa base: Prefeitura Municipal de Blumenau.

Plantas 2 e 3

AMANDA CAROLINA MÁXIMO. Plantas Baixas Térreo e 2º Pavimento. Blumenau, nov.2002. 1 mapa: color.; (Dimensões Digitais Modificadas).

Planta 4

AMANDA CAROLINA MÁXIMO. Corte Longitudinal. Blumenau, nov.2002. 1 mapa: color.; (Dimensões Digitais Modificadas).

Plantas 5 e 6

AMANDA CAROLINA MÁXIMO. Fachadas Principais: Lateral e Frontal. Blumenau, nov.2002. 1 mapa: color.; (Dimensões Digitais Modificadas).

---